

Percepção dos limiares subjetivos em fenômenos socioculturais de uma feira na Amazônia: evidenciando as ambiências na Feira do Açaí, Belém-PA¹

Leticia Martel Kuwahara²
Aimê Rocha da Silva Leite³
Juliane Oliveira Santa Brígida⁴
Luiz de Jesus Dias da Silva⁵

Palavras-chave: Limiaridades; Feira amazônica; Ambiências

1. Introdução

O complexo do Ver-o-Peso é um conjunto mercadológico localizado na cidade de Belém-PA, no bairro da Cidade Velha, o qual se configura como um espaço híbrido, operando as funções de feira e porto. É responsável pelo abrigo de variados grupos que, diariamente, recebem produtos de diversas regiões insulares do estado, reproduzem sua comercialização e, por fim, fomentam atividades acessórias que surgem a partir das dinâmicas sociais.

Nesse sentido, é no contexto desse universo amplo que se encontra a Feira do Açaí, setor especializado na venda do referido fruto, que está localizada à beira da Baía do Guajará, e é composta por uma grande esplanada descoberta, palco de atividades que vão além dos fins comerciais, conforme Cardoso (2019).

É sob essa ótica de pluralidades que torna-se possível investigar um fenômeno ocorrente no referido espaço, o qual é porta de entrada para inúmeras outras interpretações acerca do espaço sensível. Estas são as limiaridades, expressas em acontecimentos marcantes que desembocam em outras noções, auxiliando a compreensão das espacialidades operantes na Feira do Açaí.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Arquiteta e urbanista, mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará - PPGAU-UFPA, pesquisadora do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia - Lassam/FAU/PPGAU/UFPA.

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará - FAU-UFPA, integrante do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia - Lassam/FAU/PPGAU/UFPA.

⁴ Arquiteta e urbanista, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFPA, mestrado em Ciência da Comunicação pelo PPGCOM/UFPA, pesquisadora do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia Lassam/FAU/PPGAU/UFPA.

⁵ Arquiteto e urbanista, doutor em Antropologia pelo PPGCS/IFCH/UFPA, mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo PROArq/UFRJ, docente da FAU/UFPA e do PPGAU/UFPA, pesquisador do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia-Lassam/FAU/PPGAU/UFPA.

Esse conceito pode ser traduzido como uma fronteira ou território que se delimita sobre certas áreas, com a criação de zonas onde uma atividade torna-se mais expressiva que outra, em função de fatores sociais, fenomenológicos, ou perceptivos.

Estes espaços são, essencialmente, criados e delimitados por uma ação corporal cuja promoção de divisões só podem ser identificadas a partir de uma sociabilidade já existente, onde, normalmente, só é compreendida por aqueles que vivenciam seu espaço de maneira cotidiana, somando aprendizados e experiências que confabulam uma espécie de “território imaginado” que se materializa perante os eventos que formulam a existência da feira, conforme explicitado por Cardoso (2019).

Ao abordar essa temática, Cardoso (2011) aponta a existência de uma articulação arquitetônica que se metamorfoseia em uma dinâmica entre as sociabilidades e o lugar, não existindo formas físicas bem definidas arquiteturalmente, mas que se demonstra metaforicamente na intersubjetividade.

Essa configuração se torna ainda mais perceptível quando observada a dinâmica característica no que se refere a uma feira livre. A um primeiro olhar, pode ser compreendida como um espaço desordenado, livre de quaisquer tipos de organização, tendo em vista a falta de barreiras físicas. No entanto, é somente quando se aguça os sentidos que a feira é descortinada, revelando os inúmeros setores e/ou microurbanismos, os quais contribuem para sua complexidade.

Essa análise pôde ser concretizada a partir de uma intensa jornada etnográfica, realizada pelos autores em um período de, aproximadamente, dois anos, onde se seguia uma pesquisa macro, no âmbito do Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM/UFPa), além do tema de pesquisa de mestrado de uma das autoras e PIBIC de outra autora. Este árduo processo permitiu que, conforme apontado por Rocha e Eckert (2008), houvesse uma “descoberta sobre o Outro”, “desenvolvendo uma relação dialética que implica em uma reciprocidade entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos pesquisados”.

Nesse sentido, o volume de incursões permitiu que, tanto o espaço fosse compreendido em diferentes momentos de sua existência/seu dia-a-dia, quanto as pesquisadoras passassem, pouco a pouco, a se sentirem cada vez mais confortáveis com o local, considerando que, frequentemente, sua dinâmica profusa uma espécie de barreira inicial para o desenvolvimento de um “sentimento de pertencimento” para possíveis novos usuários.

É através dessa perspectiva que a escuta e olhar atentos tornam-se meios de tradução do que se vê em análises subjetivas acerca das limiaridades presentes no local, compondo a principal metodologia da pesquisa. Além disso, o uso de um aporte teórico sólido permitiu que as informações apreendidas em incursões a campo pudessem ser traduzidas e materializadas em noções definidas de quais os elementos formuladores da territorialidade no espaço, culminando na ambiência profusa que caracteriza a Feira do Açaí.

Tendo isso em vista, a união desses fatores permitiu a divisão da feira no que compreende por “zonas de expressividade”: áreas em que uma função específica se sobrepõe às demais, compondo um tipo de “setor” estabelecido pela sua própria construção simbólica. De um modo geral, percebeu-se que ela possui três principais espacialidades, ou seja, territórios demarcados por trocas socioespaciais, e não lugares geograficamente pré-determinados. São eles a:

1) Espaço onde são realizadas as trocas comerciais do fruto in natura, onde pode-se observar os marreteiros, carregadores e batedores em um momento de aparente profusão, mas que carregam um tipo de organização específico do espaço;

2) Pessoas situadas nos quiosques localizados nas áreas comuns da feira, onde se situam: trabalhadores em momentos de descanso, sejam eles do próprio espaço, sejam das demais áreas do Complexo do Ver-o-Peso; pessoas que não necessariamente possuam uma relação de existência naquele lugar, como turistas ou visitantes de algum dos pontos turísticos das proximidades (Forte do Presépio, Casa das onze janelas, etc);

3) Aquilo que pode-se compreender como a “periferia” da Feira (espaço marginal), onde sua principal função é a do uso de substâncias psicoativas por moradores de rua, os quais também fazem de lá, a sua morada.

Importante apontar que estes são os principais limiares, mas que também existem espaços de transição onde atuam classes de trabalhadores ainda mais específicas, em uma dinâmica de transitoriedades que continuam a refletir as organizações que formulam a Feira do Açaí. Estes aspectos serão mais bem desenvolvidos ao longo do texto, com fontes que serão utilizadas para destrinchar esses agentes e seu respectivo papel nesse contexto.

Além disso, é de suma importância o destaque de um evento que não ocorre diariamente, mas é crucial para a compreensão de como as limiaridades operam na Feira do Açaí. Este é o samba: manifestação artística que ocorre uma vez por mês e é palco de

um movimento que cria uma espécie de espacialidade paralela, onde passa a acontecer uma relação de dualidade entre os diferentes usos que o lugar passa a operar.

Sendo assim, estas noções foram definidas a partir de múltiplas pesquisas e incursões a campo já comentadas, e, como dito anteriormente, são difíceis de serem percebidas a um primeiro olhar. Dessa maneira, escolheu-se a observação das ambiências da Feira do Açaí como ponto de partida para investigação dos amplos resultados que foram colhidos.

Compreendidas por Thibaud (2018) como a experiência de um conjunto de sensações, elas exploram não apenas os sentidos de um local, mas, conforme Cardoso (2011), diversas redes de intersubjetividades que conectam a geração atual, as que já se foram e as que ainda virão, construindo memórias, sensibilidades e percepções que, sob a ótica de Duarte et al (2023) são imprescindíveis para a existência de espaços humanizados, entendimento que será essencial para a argumentação deste artigo.

Desse modo, o presente artigo propõe investigar os espaços limiares presentes na Feira do Açaí, e como estes operam de maneira a conferir zonas de expressividade formuladoras de micropolíticas responsáveis pela criação de áreas que perpassam por processos de sociabilidade. Destaca-se o aspecto subjetivo e como a análise das ambiências presentes no local contribui para que as limiaridades e seus fenômenos resultantes sejam identificados e catalogados.

2. Espacialidades em espaços de comércio: noções conceituais

2.1. Territorialidades em ambientes profusos

Compreender o que são as territorialidades e sua importância para a discussão deste trabalho é entender como estas estão intrinsecamente ligadas a uma visão cuja carga subjetiva é essencial para se entender por que os seres humanos demarcam espaços e quais as consequências disso para sua sociabilidade.

Sob essa ótica, o termo foi originalmente cunhado por Sack (1986), que, antes de tudo, define em primeiro lugar o que é um território a partir de uma ótica predominantemente interacional, afirmando que este é uma junção dos campos naturais e humanos é um objeto em constante transformação, que se cria de forma simultânea às múltiplas interações que ali ocorrem.

Nesse sentido, a territorialidade surge como uma ação instintiva do homem para reafirmação de um território que lhe pertence, o qual urge permanecer em um espaço de

maneira a controlá-lo a partir de influências sob as pessoas que ali desenvolvem uma relação de existência, delimitando uma área de influência sobre uma região geográfica.

O autor ainda afirma algo que será essencial para a discussão de como isso se relaciona ao presente artigo: para que a territorialidade humana seja desenvolvida, é necessário que haja um “consumo de energia”, ou seja, que exista um esforço que une as impressões corporais com intenções psicológicas por parte dos agentes sociais que a implantam. Isso não necessariamente ocorre de maneira consciente, mas, necessariamente, parte de uma intenção inicial de se estabelecer por motivos que perpassam necessidades físicas e atingem construções sociais de dominação sob determinados símbolos.

Nessa perspectiva, as feiras livres apresentam-se como espaços que congregam uma multiplicidade de territorialidades, constituídas e constantemente ressignificadas pelas práticas e interações dos corpos. Embora se insiram em uma estrutura urbana planejada, sua própria denominação como “livres” revela uma condição de flexibilidade, na qual o espaço é continuamente apropriado e remodelado pelas práticas sociais que nele se desenvolvem. Essa compreensão encontra respaldo em Cardoso (2019, p. 123), ao interpretar as feiras como uma forma de “microurbanismo”, na qual se materializam as dinâmicas cotidianas “do trabalho, do lazer, das relações interpessoais, das hierarquias e dos sentidos de pertencimento”. Assim, mais do que espaços destinados à comercialização, as feiras configuram-se como territórios vivos, onde as experiências corporais, as relações sociais e as ambiências produzidas se entrelaçam na contínua produção do espaço.

Sendo assim, essa afirmativa também vale para a Feira do Açaí, cuja profusão, elemento que Cardoso (2019) nomeia de “evento”, é papel central na territorialidade do local e como as pessoas que lá se estabelecem interpretam e, conseqüentemente, experienciam o local. Tendo em vista sua configuração intrinsecamente particular, onde os acontecimentos parecem se sobrepor em uma quantidade de informações que facilmente são vistas como algo onde não existe nenhum tipo de regra para ordenamento, algum tipo de delimitação para áreas de influência parece, da mesma forma, não acontecer. Contudo, é exatamente isso que, nesse contexto, a cria.

Assim, a própria profusão cria uma ambiência onde cada grupo responsável pela dinâmica do espaço tem conhecimento de sua função naquele contexto, desenvolvendo um fluxo que se torna tão adequado àquela realidade e tão próprio àquelas pessoas, que passa a ser “estranho” ou “desordenado às pessoas que não a vivenciam diariamente.

Essa conclusão se relaciona diretamente ao próprio conceito de territorialidade, uma vez que Sacks (1986) destaca que esta não pode ser vista apenas como um tipo de divisão física do espaço geográfico, mas como algo intrinsecamente ligado aos sujeitos que ali habitam e se instalam. Logo, não podem ser estabelecidas somente a partir da não-existência de elementos materiais que definem se estas estão ou não presentes em um local, mas de signos que revelam implicitamente quais as demarcações impressas sob o lugar enquanto formulador de microterritórios particulares a cada grupo que se presente na dinâmica operacional da Feira do Açaí.

Nesse sentido, a conclusão encontrada está intrinsecamente relacionada a outro conceito de relevância sublime para compreensão do tema que o artigo se propõe a investigar, sendo estas limiaridades, e como são responsáveis pela construção de espaços de transição que só podem ser observados dentro de uma análise subjetiva da organização do lugar. O próximo tópico irá discorrer como isso ocorre e quais as implicações para as manifestações sociopolíticas do espaço.

2.2. A limiaridade subjetiva enquanto criadora de micropolíticas

As expressões corporais inscritas no espaço são capazes de demarcar territorialidades, lugares e espacialidades por meio das atmosferas emocionais que constituem as ambiências vivenciadas e percebidas. Essas ambiências podem ser apreendidas tanto pela materialidade dos fenômenos quanto, sobretudo, por sua dimensão intangível, manifestada nas relações, dinâmicas, lógicas e movimentos subjetivos que conformam o lugar.

No contexto das feiras livres, essas dinâmicas são amplamente estruturadas por práticas consuetudinárias. Conforme aponta Silva (2016, p. 21), trata-se de "(...) regras tácitas que reinam no ambiente", inseridas em "(...) um microcosmo específico com regras próprias e culturais" (Silva, 2016, p. 41). Nessa perspectiva, o espaço da feira organiza-se a partir de códigos compartilhados e de referências sociais, culturais e políticas que, à luz do poder simbólico proposto por Bourdieu (1989), orientam as práticas cotidianas e se materializam na produção do espaço.

Corroborando essa compreensão, Lima (2019), em sua pesquisa *Cidade Entrelaçada*, identifica territorialidades constituídas pelas expressividades dos corpos, responsáveis por fundar lugares "(...) com seus afetos e recortes simbólicos" (Lima, 2019, p. 119). Para a autora, a potência desses processos reside justamente naquilo que é incorpóreo e invisível, evidenciando que a apreensão das dinâmicas urbanas exige um

olhar atento às micropolíticas do cotidiano. Embora uma análise em escala mais ampla permita compreender a organização geral do espaço, é na dimensão microscópica das relações sociais — em consonância com a perspectiva etnográfica de Magnani (2002) — que se tornam perceptíveis os movimentos, negociações e formas de existência que produzem continuamente o lugar.

Nessa direção, Lima (2019, p. 135) propõe compreender o corpo como agente produtor de espacialidades ao afirmar que:

"Entendemos que não somente é possível abrir brechas no tecido de um lugar, mas, de fato, fazer lugar com o corpo: verter lugares – e não apenas subvertê-los – no sentido de 'derramar', fazer surgir muitos lugares, com o poder da ação no cotidiano, fazendo-nos compreender a impossibilidade de pensar o caráter de um lugar como fixo, dado e determinado pelo que expressa a estética projetada materialmente."

Essa perspectiva reforça que o lugar não se reduz à sua configuração física, mas constitui-se continuamente pelas práticas corporais, pelos afetos e pelas relações intersubjetivas que se desenrolam no cotidiano. Assim, as territorialidades deixam de ser entendidas como delimitações rígidas e passam a ser compreendidas como construções dinâmicas, permanentemente negociadas e ressignificadas pelos corpos que vivenciam o espaço, fazendo emergir ambiências em constante transformação.

Logo, pode-se compreender que as territorialidades podem ser formuladores de organização espacial, resultando no que se entende por “limiaridades”. Este pode ser compreendido como um termo que define fronteiras imaginárias ou provisórias em um espaço como um lugar de transição, indicativo de demarcações percebidas nas ações dos corpos e seus objetos de atuação, cuja percepção é criada a partir da dimensão sensível, e reforçada através de simbolismos que perpassam as dimensões sociais e psicológicas do usuário, e por fim, invadem o espaço físico (Turner, 1974).

Consequentemente, pode-se concluir que os chamados “espaços liminares” configuram-se como condições que escapam às posições socialmente definidas, situando-se em um estado intermediário entre os lugares instituídos e ordenados pelas convenções e rituais. Essa condição de transição manifesta-se por meio de atributos marcados pela ambiguidade e pela indeterminação, os quais se materializam em uma ampla diversidade de símbolos mobilizados por diferentes sociedades para expressar e ritualizar as passagens sociais e culturais.

2.3. Consequências da limiaridade: sobreposições, alargamentos, diminuições, interseções, permeabilidades e domínios

De acordo com os procedimentos metodológicos empregados por Lima (2019), foi possível identificar "(...) territórios mais demarcados e fronteiras mais perceptíveis" (Lima, 2019, p. 65). Tal constatação evidencia que a apreensão das diferentes ambiências decorre das relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço, permitindo reconhecer os limites — materiais e imateriais — que as constituem. Esses limites não são estáticos, mas resultam das dinâmicas socioespaciais e podem manifestar-se como limiaridades, sobreposições, alargamentos, diminuições, interseções, permeabilidades e domínios, variando conforme a espacialidade, a temporalidade e as especificidades de cada fenômeno.

Essa compreensão aproxima-se da observação da antropóloga Wilma Leitão sobre o Mercado Ver-o-Peso, ao afirmar que "quem é da terra é da terra e quem é da água é da água". Ao analisar a atividade pesqueira nesse mercado, a autora evidencia a existência de demarcações territoriais que, embora possam parecer subjetivas ou metafóricas, são claramente reconhecidas e compartilhadas pelos diferentes agentes sociais envolvidos (Cardoso, 2011, p. 135). Assim, as territorialidades são produzidas tanto por elementos materiais quanto por convenções sociais e simbólicas que organizam o espaço cotidiano.

Nessa direção, Lima (2019), ao dialogar com Guattari (2012), afirma que existem "(...) espaços imaginados, pois a cada instante demarcamos um aqui e um agora" (Lima, 2019, p. 119). Essa perspectiva evidencia o caráter efêmero e processual das apropriações espaço-temporais, compreendendo o espaço urbano como um campo de múltiplas possibilidades de uso, ocupação e significação. É justamente nesse contexto que se tornam perceptíveis as zonas de ambiência, cujos códigos, valores e formas de interação permitem sua apreensão, distinção e descrição.

Ao discutir as feiras, Cardoso (2011) argumenta que a arquitetura se articula continuamente às práticas sociais, metamorfoseando-se em uma dinâmica produzida pelas sociabilidades e pelo próprio lugar. Desse modo, ainda que nem sempre existam delimitações arquitetônicas claramente definidas, a organização espacial manifesta-se por meio das relações intersubjetivas e das práticas cotidianas. Em consonância com essa compreensão, Lima (2019, p. 59), ao recorrer a Deleuze e Guattari, afirma que:

"(...) pode existir mesmo sem a existência de uma terra física, mesmo no espírito, nos limites que existem nas subjetividades, e seus próprios limites não podem ser fixados no concreto porque existem na dinâmica da relação entre espírito e matéria, interior e exterior, coletivo e particular."

Essa perspectiva permite compreender que as territorialidades extrapolam a materialidade física do espaço, constituindo-se também por afetos, percepções e experiências compartilhadas. A pesquisa de Valicente (2022), desenvolvida junto a mulheres participantes de batalhas de poesia urbana, contribui para essa discussão ao demonstrar que a corpografia se manifesta nas interações afetivas estabelecidas entre corpo e espaço. Nessa relação, as ambiências revelam uma capacidade elástica e expansiva, enquanto os espaços limítrofes produzidos pelos corpos apresentam elevada plasticidade, sendo capazes de suscitar sensações de acolhimento, pertencimento, compartilhamento, segurança e permanência.

A partir dessas discussões, propõe-se compreender diferentes formas de espacialização das ambiências. A sobreposição concorrente refere-se à ocorrência simultânea de múltiplas atividades em um mesmo espaço, condição que pode gerar tanto complementaridades quanto tensões e conflitos, produzindo lugares justapostos e territorialidades concorrentes.

Em contrapartida, o limiar corresponde à fronteira — material ou imaterial — entre diferentes acontecimentos, usos ou experiências. Trata-se de uma delimitação que frequentemente não se apresenta de forma física, mas se estabelece por convenções sociais, códigos compartilhados ou elementos materiais reconhecidos coletivamente. Para Tuan (1983), os limiares representam momentos de passagem e transformação da experiência. De maneira semelhante, Turner (1974, p. 117) compreende a liminaridade como um estado intermediário, situado "nem aqui nem lá", cujos "atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos" presentes nas transições sociais e culturais. Ainda que indefinido, o limiar constitui um espaço profundamente significativo, marcado pela coexistência entre permanência e transformação.

Os alargamentos e as diminuições, por sua vez, dizem respeito às variações dimensionais das ocupações em função das relações estabelecidas entre diferentes práticas e usos do espaço. As interseções e permeabilidades referem-se ao grau de confluência e flexibilidade entre distintas territorialidades, indicando a possibilidade de coexistência, atravessamento ou compartilhamento espacial. O domínio caracteriza a territorialidade que, em determinado contexto, adquire maior extensão ou

predominância sobre as demais. Por fim, a porosidade expressa a capacidade de determinadas práticas e ambiências infiltrarem-se, conectarem-se e difundirem-se entre diferentes lugares, evidenciando o caráter contínuo e relacional da produção do espaço.

2.4. Ambiências e o ato de perceber

As ambiências podem ser compreendidas como propriedades que se manifestam tanto na dimensão interna quanto na externa dos indivíduos, constituindo-se a partir das experiências sensíveis vividas pelos corpos em sua relação com o meio, bem como daquelas apreendidas pelo pesquisador durante o trabalho de campo. Nesse contexto, destaca-se o conceito de experienciar, entendido como o ato de experimentar, vivenciar e sentir o espaço. Conforme Duarte et al. (2023, p. 87), "experienciar, no sentido de experimentar, degustar, vivenciar, remete, ao mesmo tempo, às sensações ocorridas no processo de experiência (...)". Assim, a ambiência não se restringe às características físicas do lugar, mas emerge da experiência corporal e sensível do estar em campo, sendo produzida e percebida nas relações estabelecidas entre corpos, espaço e contexto.

Sob essa perspectiva, o presente estudo compreende os espaços da cidade como expressões das ações e interações dos corpos, reconhecendo-os como produtores, mediadores e intérpretes dos lugares. Essa relação se manifesta por meio dos afetos, entendidos como respostas produzidas pelo encontro entre corpos — pessoas, objetos, paisagens e demais elementos que compõem o entorno. É a partir do reconhecimento do outro e daquilo que difere de si que se estabelecem vínculos capazes de atribuir sentido ao espaço e possibilitar a compreensão das partes que constituem um todo (Duarte et al., 2023).

Nessa direção, a experiência corporal torna-se condição fundamental para a leitura dos códigos que orientam as dinâmicas, as práticas sociais e as relações que conformam os lugares e se materializam na paisagem. Como afirma Malard (2006, p. 27), o corpo constitui a referência primordial de toda percepção espacial. Os acontecimentos cotidianos vivenciados pelos corpos na cidade revelam, portanto, as formas de organização do espaço, tanto em sua dimensão material quanto imaterial. Essas formas tornam-se perceptíveis por meio dos agenciamentos individuais e coletivos, nos quais os corpos atuam como elementos de comunicação, expressão e produção das espacialidades (Malard, 2006).

Nessa perspectiva, a noção de espaço ultrapassa sua dimensão física ou arquitetônica para abarcar também a espacialidade, entendida como o conjunto de

práticas, usos, relações e significados que estruturam a experiência do lugar. Embora nem sempre se manifeste de forma tangível, a espacialidade revela-se por meio de ordens, códigos, símbolos e comportamentos que expressam modos específicos de apropriação e organização do espaço. Conforme Aguiar (2006), é por meio do corpo que a espacialidade é produzida e reconhecida, tornando possível compreender a arquitetura a partir das experiências e performances que nela se desenvolvem. Assim, a arquitetura afirma-se como uma arte eminentemente social, cuja existência e significado se concretizam na relação dinâmica entre os corpos e os espaços que estes vivenciam e transformam.

3. O papel das fronteiras na Feira do Açaí: uma observação etnográfica

3.1. Manifestações artísticas na Feira do Açaí

Assim, foi possível compreender como as limiaridades operam como formuladoras de espacialidades próprias da realidade da Feira do Açaí, atuando de maneira dinâmica, em um processo que ocorre dia após dia, e vai se construindo dentro das sociabilidades ocorridas no local.

Nesse sentido, a feira possui eventos e manifestações culturais e artísticas que, apesar de não ocorrerem diariamente, são tão relevantes para como o local é compreendido e interpretado que, mesmo quando não estão materialmente sobrepostas à sua organização espacial, continuam presentes no imaginário coletivo de seus frequentadores, se desenvolvendo em conjunto no processo que exprime as limiaridades que oportunizem a compreensão de como o espaço se dá.

Sob esse olhar, pode-se apontar três principais eventos não-periódicos de importância para a análise da discussão, sendo eles: 1) Roda de Samba; 2) Roda de Carimbó; 3) Roda de *Reggae*. Cada um será melhor desenvolvido nos parágrafos abaixo, com definição conceitual e explicação de como estes se apresentam enquanto um tipo de liminaridade. Nesse momento, as incursões etnográficas e escuta atenta das percepções dos participantes do local foram essenciais para a captura de informações e suas traduções em interpretações sensíveis de suas espacialidades.

O primeiro deles é o Samba Batuque da Feira do Açaí, reconhecido por lei em 2025 como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém⁶, ocorrido por volta de uma vez por mês. É, provavelmente, o principal evento dos

⁶<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/12/10/belem-reconhece-como-patrimonio-cultural-manifestacoes-que-mantem-vivo-o-samba-na-cidade.ghtml>

citados no que se refere ao reconhecimento por parte das pessoas que não são frequentadoras da feira, tendo em vista as multidões proeminentes que atrai em todas as suas edições. Nesse sentido, o fenômeno pode ser melhor compreendido através de uma ilustração realizada *in loco* por uma das autoras em um dia de samba, representado pela Figura 1.

Figura 1: evento de samba na Feira do Açaí



Fonte: Leite, 2025

Dessa maneira, torna-se perceptível que essas multidões também contribuem para a espacialidade profusa da Feira do Açaí, onde o espaço se torna ainda mais imbuído de um véu de conturbação que parece demonstrar um espaço despido de organizações espaciais. Em dias como esses, a própria logística da feira se torna mais turbulenta, com um fluxo ininterrupto de pessoas, que, embriagadas após horas de festa, falam mais alto, tentando transpassar a ambiência caótica que ali já existe. Indivíduos sambam junto de outros que passam correndo, seja para realizar algo relacionado à Feira, seja por algo que esteja ocorrendo dentro da própria roda.

Possivelmente, pode-se perceber que, pela forma que o espaço toma nesses dias, a feira não deixa de acontecer nesses dias, ao contrário, funciona concomitantemente. Essa relação cria uma limiaridade entre os dois espaços, onde um se sobrepõe ao outro, em um tipo de barreira que, apesar de não necessariamente ser vista e às vezes até

parecer não existir, se constrói dentro das sociabilidades dos transeuntes, que a formulam ao mesmo tempo em que se encontram no espaço (Figura 2).

Figura 2: As limiaridades sobrepostas da Roda de Samba e da Feira do Açaí



Fonte: Leite, 2025

Contudo, essa dinâmica também pode surgir por situações de territorialidades concorrentes. Durante as incursões, isso pode ser perceptível através das falas e gritos dos carregadores insultando, pedindo passagem e reclamando da redução de seu espaço de trabalho que o evento promove. Logo, torna-se possível averiguar através das percepções sensíveis do espaço que havia um limite que não poderia ser transposto, que o espaço da feira já era um espaço mais restrito a quem estivesse trabalhando. Durante as inúmeras incursões realizadas pelas autoras, era constante o sentimento de que estávamos atrapalhando, tanto como partícipe do samba, quanto na posição de curiosa/errante/pesquisadora.

Portanto, as limiaridades podem surgir tanto de uma relação de confronto/disputa de espaços, quanto de uma relação de acordo implícito das delimitações simbólicas das espacialidades existentes. E, como pôde ser apresentado, elas não necessariamente se anulam, mas se complementam em uma multiplicidade de vozes e territorialidades que se confabulam no que se formula a Feira do Açaí.

Para tanto, sua relevância para a constituição das espacialidades ultrapassa os dias de evento, e pode ser percebida até mesmo em dias usuais. Em dias que apenas a feira acontece, percebe-se um “espaço vazio” onde, normalmente, ficaria o Samba. Sob

esse viés, pode-se observar que, uma vez construída e materializada dentro da vivência coletiva, a liminaridade continua existindo mesmo sem necessariamente abrigar sua atividade. Isto está intrinsecamente relacionado à forma que ela é produzida: se as territorialidades oriundas das sociabilidades humanas criam estas divisas simbolicamente construídas, só é necessário que estes grupos se perpetuem para que, conseqüentemente, a liminaridade de perpetue também.

Após isso, tem-se a Roda de Carimbó como outra manifestação artística de intensa relevância para o cenário cultural da Feira do Açaí e, por consequência, para a demarcação de territorialidades particulares a sua existência. Ocorre com menor frequência ainda que a roda de Samba, e atinge um público menor. Contudo, suas implicações são similares, apenas com um fluxo reduzido de pessoas.

Durante as incursões em dias de Carimbó, onde uma delas pode ser observada através da Figura 3, notou-se que, o local - o mesmo em que ocorre o Samba - iniciou vazio e, com o passar do tempo, começaram a chegar integrantes da roda de carimbó, com suas vestimentas típicas e portados dos instrumentos. Entretanto, por já termos presenciado a profusão do Samba, esperávamos algo parecido, mas eles apenas se sentavam em mesas próximas de onde nos localizamos e começavam a tocar em uma roda mais intimista, apenas com os próprios integrantes e amigos. Vale ressaltar que o lugar estava quase ermo, apenas com as pessoas que trabalhariam madrugada adentro.

Figura 3: Carimbó tradicional na Feira do Açaí



Fonte: Kuwahara (2024)

Assim, é perceptível como as limiaridades não operam de maneira homogênea, mas se adaptam conforme a ação que ali se pratica. Diferentes atividades formulam barreiras distintas, mesmo que estas se alojem no mesmo espaço. Uma vez existida, só depende dela mesma para que ocorra da maneira que foi concebida, tornando o espaço apenas um receptáculo para algo que engloba fatores diversos.

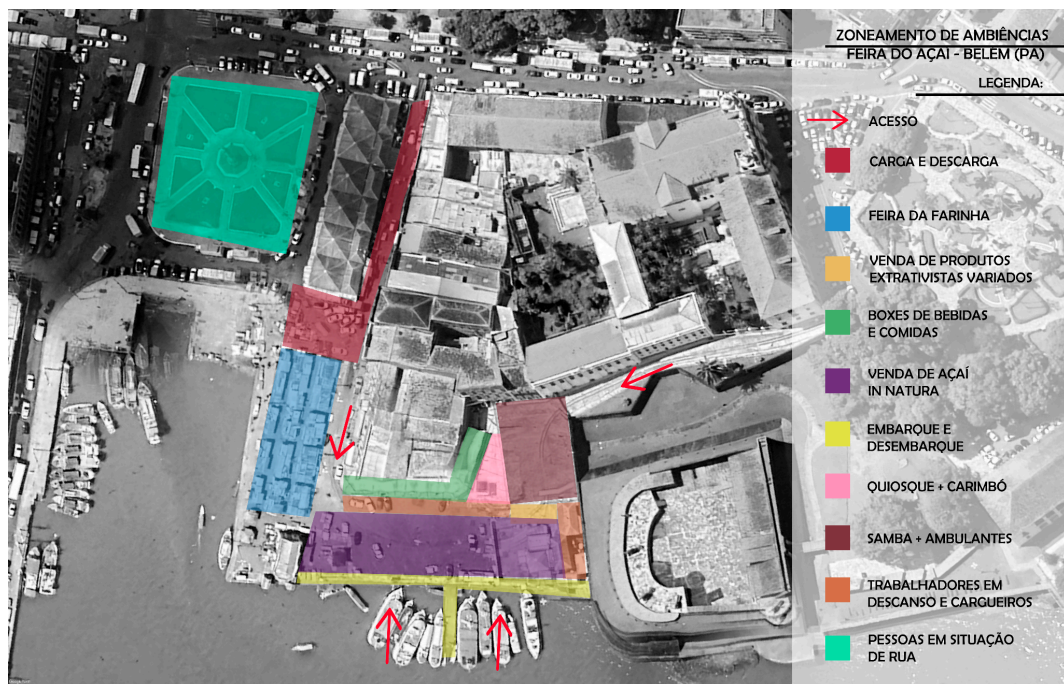
Por fim, tem-se a Roda de *Reggae*, a única manifestação que as autoras não conseguiram presenciar. Soubemos de sua existência em algumas conversas informais com frequentadores da Feira do Açaí, os quais diziam que também ocorria mensalmente, mas normalmente em dias de sábado. Nesse sentido, múltiplas tentativas de encontro com o evento foram realizadas, sem, nenhuma, incursão efetiva.

Logo, estas são as limiaridades imbricadas a manifestações culturais na Feira do Açaí que puderam ser apreendidas ao longo das incursões no espaço. Porém, é importante apontar que esse é apenas um microcosmos dentro de todas as territorialidades vigentes, palco de inúmeros acontecimentos dentro e fora de sua área predominantemente “mercadológica”. Desse modo, veremos a seguir como as demarcações que citamos se relacionam com as outras presentes no local, e quais as implicações disso.

3.2. Setorização da feira de acordo com as zonas de expressividade

O diagrama de zoneamento de ambiências representa, por meio de manchas, as atividades de maior ocorrência em cada porção do espaço (Figura 4), possibilitando identificar a distribuição das diferentes espacialidades presentes na feira. Esse tipo de representação permite, conforme Lima (2019, p. 66), “(...) compreender melhor os limites precisos de unidades de atmosfera, ou territórios – no sentido de zonas onde determinadas expressividades dominam”. As manchas, portanto, evidenciam as áreas de predominância de determinadas atividades e agentes, revelando as territorialidades e ambiências constituídas a partir de suas práticas cotidianas.

Figura 4: Zonas de expressividade na Feira do Açaí



Fonte: Kuwahara (2026)

Entretanto, essa representação não deve ser interpretada como a ocorrência simultânea de todas as atividades mapeadas. Ao contrário, a espacialidade da feira é dinâmica e se transforma continuamente em função das temporalidades, dos fluxos e das diferentes formas de apropriação do espaço ao longo do dia. Desse modo, o diagrama apresentado corresponde à configuração espacial observada no momento da pesquisa de campo, constituindo um recorte temporal dessa realidade. Em etapas anteriores da investigação, foram elaborados outros diagramas que evidenciaram diferentes configurações espaciais, nas quais determinadas atividades ocupavam e estruturavam o espaço de maneiras distintas, influenciadas, sobretudo, pelo processo de reforma da feira, que alterou temporariamente as dinâmicas de uso, circulação e permanência dos agentes.

Nesse sentido, as limiaridades, ou seja, a fronteira entre as zonas observadas podem ser observadas de maneiras tangíveis e intangíveis. Nesse sentido, ao adentrar a feira pelo acesso fluvial, observa-se que a dinâmica cotidiana do ancoradouro, da rampa e da calçada configura uma faixa de incorporação entre os espaços urbano e rural, conforme proposto por Sales (2014, p. 77). Nesse limiar, a espacialidade feira-porto é constituída por um conjunto de elementos materiais e simbólico-culturais — embarcações, mercadorias, práticas e agentes sociais — que materializam o intercâmbio permanente entre as ilhas e a cidade. A calçada, por sua vez, atua como uma fronteira de

natureza intangível, marcando a transição entre esses dois universos e mediando as múltiplas relações que se estabelecem nesse espaço (Figura 5).

Figura 5: Representação gráfica de um dos limiares da Feira do Açaí



Fonte: Kuwahara (2025)

Mais do que um elemento de circulação, a calçada configura-se como um lugar de encontros, permanências e trocas, onde se intensificam as relações de sociabilidade produzidas pelo cotidiano da feira. Nesse contexto, o rio extrapola sua função de via de deslocamento e assume o papel de articulador das relações sociais, uma vez que conecta pessoas, mercadorias e modos de vida. Como destaca Silva (2016, p. 55), existe "a grande possibilidade que o rio cria de propiciar relacionamentos sociais, seja nas embarcações ou nos portos onde essas atracam, relações as quais resultam em sociabilidade". Assim, o ancoradouro, a rampa e a calçada conformam um espaço de transição no qual circulação, trabalho, comércio e convivência se entrelaçam, produzindo uma ambiência marcada pela intensidade dos encontros e pela contínua negociação entre as dinâmicas fluviais e urbanas.

Nesse sentido, compreende-se o limiar como um marco, uma zona de transição ou uma fronteira na qual as diferenças entre as ambiências se tornam mais evidentes e, conseqüentemente, mais legíveis. Entretanto, esses limites não configuram compartimentações rígidas do espaço. Ao contrário, a espacialidade resulta da sobreposição e da interação entre diferentes práticas, usos e agentes, conformando uma

profusão de paisagens e uma pluralidade de ambiências que se hibridizam continuamente. Sob essa perspectiva, a elaboração de diagramas das formas de apropriação do espaço possibilita compreender “(...) como se estabelecem as relações no lugar, de territórios mais demarcados e fronteiras mais perceptíveis” (Lima, 2019, p. 66), evidenciando tanto as áreas de predominância quanto às zonas de transição entre distintas territorialidades.

Como dito anteriormente, durante o trabalho de campo observou-se que, em determinadas ocasiões, o evento de samba ocorre simultaneamente às atividades da feira. Embora compartilhem a mesma área, ambos constituem espacialidades distintas, delimitadas por elementos físicos e simbólicos que organizam seus respectivos usos. No entorno do palco, as grades de contenção e a disposição dos vendedores ambulantes conformam um perímetro que funciona como uma fronteira não formal entre as duas atividades, definindo um território específico para o evento sem impedir as dinâmicas próprias da feira (Figura 6). Nas áreas adjacentes, especialmente junto aos boxes laterais e ao quiosque, os feirantes reorganizam o espaço por meio da disposição de mesas e caixas de som para atender também ao público do samba. Essa reconfiguração evidencia a flexibilidade da feira em acomodar diferentes usos e temporalidades, revelando a capacidade dos agentes de negociar e ressignificar o espaço de acordo com as demandas cotidianas, sem que as espacialidades deixem de preservar suas identidades e formas particulares de apropriação.

Figura 6: “Grade de contenção” entre o samba e a Feira do Açaí



Fonte: Kuwahara (2024)

Por conseguinte, as ambiências sonoras da feira também se constituem pela sobreposição de diferentes paisagens acústicas. As caixas de som dos estabelecimentos, que difundem gêneros como brega, melody e outras manifestações musicais regionais, coexistem com o samba, conformando uma ambiência marcada pela simultaneidade de sons e pela multiplicidade de estímulos sensoriais. À medida que o evento se desenvolve e o fluxo de frequentadores aumenta ao longo da noite, o samba extrapola os limites inicialmente estabelecidos para sua realização e expande sua influência para outros setores da feira, alcançando a área de boxes e os espaços destinados à circulação.

Essa expansão repercute diretamente na organização espacial da feira, promovendo a sobreposição de usos e a reconfiguração temporária das dinâmicas cotidianas. Áreas destinadas ao estacionamento, às operações de carga e descarga e aos acessos passam a ser compartilhadas pelos frequentadores do evento, gerando conflitos entre a circulação do público e as atividades vinculadas à comercialização do açaí. Tais tensões evidenciam como diferentes espacialidades coexistem, negociam seus limites e disputam o uso do espaço, tornando perceptíveis, por meio das observações de campo e da própria paisagem sonora, os processos de transformação contínua da feira.

Essas constantes reconfigurações espaciais, decorrentes da realização do samba, das apresentações de carimbó e do processo de reforma da feira, também influenciam a dinâmica das pessoas em situação de rua que utilizam esse espaço como local de

permanência. Durante o funcionamento da feira, esses sujeitos transitam por diferentes espacialidades, seja em busca de trabalho informal, solicitando ajuda financeira ou vagando em decorrência do uso de substâncias psicoativas. Em razão das mudanças na organização do espaço provocadas pelas obras e pelos eventos, deslocam continuamente seus pertences para outras áreas da feira e de seu entorno imediato, reorganizando seus locais de permanência conforme as possibilidades e restrições impostas pelas dinâmicas cotidianas (Figura 7). Essa mobilidade evidencia que a apropriação do espaço é continuamente renegociada entre os diferentes agentes, revelando a natureza processual e relacional das territorialidades que constituem a Feira do Açaí.

Figura 7: Limiaridade entre os moradores de rua e a Roda de Carimbó



Fonte: Kuwahara (2024)

4. Considerações finais

Portanto, o presente artigo se propôs a demonstrar que espaços resultantes de processos constituintes de sociabilidades não podem ser compreendidos apenas a partir de sua configuração física, mas sobretudo como uma organização socioespacial que escapa às delimitações materiais e se manifesta por meio de códigos, práticas e simbolismos compartilhados que podem ser percebidos quando o pesquisador se permite observar de forma atenta e, sobretudo, sensível frente às dinâmicas sociais ocorridas nesses locais.

Dessa maneira, compreender as limiaridades significa reconhecer que a feira, mais especificamente a Feira do Açaí, constitui um espaço de coexistência entre diferentes usos e modos de habitar, cuja complexidade dificilmente pode ser apreendida por leituras homogêneas sobre a territorialização do espaço vivido.

Logo, os resultados apreendidos também suscitam uma reflexão sobre os impactos dos recentes processos de requalificação urbana que vem acometendo as cidades brasileiras contemporâneas e das recorrentes práticas higienistas. Ao privilegiar determinadas formas de uso e permanência em detrimento de outras, tais intervenções podem fragilizar as territorialidades construídas e invisibilizar sujeitos cujas existências participam da produção cotidiana da espacialidade da feira.

Nesse sentido, reconhecer e preservar as limiaridades presentes na Feira do Açaí constitui não apenas um tipo de descrição espacial, mas também uma condição para se pensar em políticas urbanas capazes de dialogar com a complexidade das ambiências e das formas de vida que sustentam esse espaço.

5. Referências bibliográficas

AGUIAR, Douglas Vieira de. Espaço, corpo e movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. **Arqtexto**. n. 8 (2006), p. 74-95, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARDOSO, André Luiz Carvalho. **Arquitetura nas feiras ao ar livre: paradigmas para construções de mercados populares contemporâneos**. Tese (Doutorado) – UFRJ/PRO ARQ /Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro, 2011.

CARDOSO, André Luiz Carvalho. **Arquiteturas nas feiras ao ar livre: Intersubjetividade superfícies de contato e evento**. In: DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; SANTANA, Ethel Pinheiro (Org.) *Arquitividades e subjeturas: metodologias para a análise sensível do lugar*. Rio de Janeiro: Rio Books, p. 121-135, 2019.

DUARTE, Cristiane Rose et al. **Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências**. Rio Books, 2023.

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/12/10/belem-reconhece-como-patrimonio-cultural-manifestacoes-que-mantem-vivo-o-samba-na-cidade.ghtml>

LEITÃO, Wilma Marques. **Mercado do Ver-o-Peso: práticas sociais no mundo do trabalho**. In. LEITÃO, Wilma Marques (Org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém*. Belém: NAEA, 2010.

LEITÃO, Wilma Marques. **Mercado do Ver-o-Peso: práticas sociais no mundo do trabalho**. In. LEITÃO, Wilma Marques (Org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém*. Belém: NAEA, 2013.

LIMA, Marília Chaves. **Cidade Entrelaçada: Micropolíticas do cotidiano na Praça Mauá – RJ**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MALARD, Maria Lúcia. L. **As aparências em Arquitetura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. CUP Archive, 1986.

SALES, Josias de Souza. **Etnografia de uma feira livre em Belém do Pará: consumo e circulação de produtos na Feira do Açaí e seus desdobramentos em temporalidades múltiplas**. In: RODRIGUES, Carmem Izabel; SILVA, Luiz de Jesus Dias da; MARTINS, Rosiane Ferreira (orgs.). Mercados populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. Belém: NAEA, p. 73-87, 2014.

SILVA, Luiz de Jesus Dias da. **Pedra, redes e malha na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Antropologia, Belém, 2016.

SILVA, Luiz de Jesus Dias da; RODRIGUES, Carmem Izabel. Pedra do Peixe: redes sociais na circulação do pescado do Ver-o-Peso para a cidade de Belém do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 11, p. 581-599, 2016.

THIBAUD, Jean-Paul. **Ambiência. Psicologia Ambiental. Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**, p. 13-25, 2018.

TUAN, Y Fu. Espaço e lugar. **A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

VALICENTE, Mariana Moreira. **Linguagens e corpos no discurso do “Slam das Minas”: ambiências de resistência e ressignificação espacial por meio de mulheres nas batalhas de poesia urbana**. 2022. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.